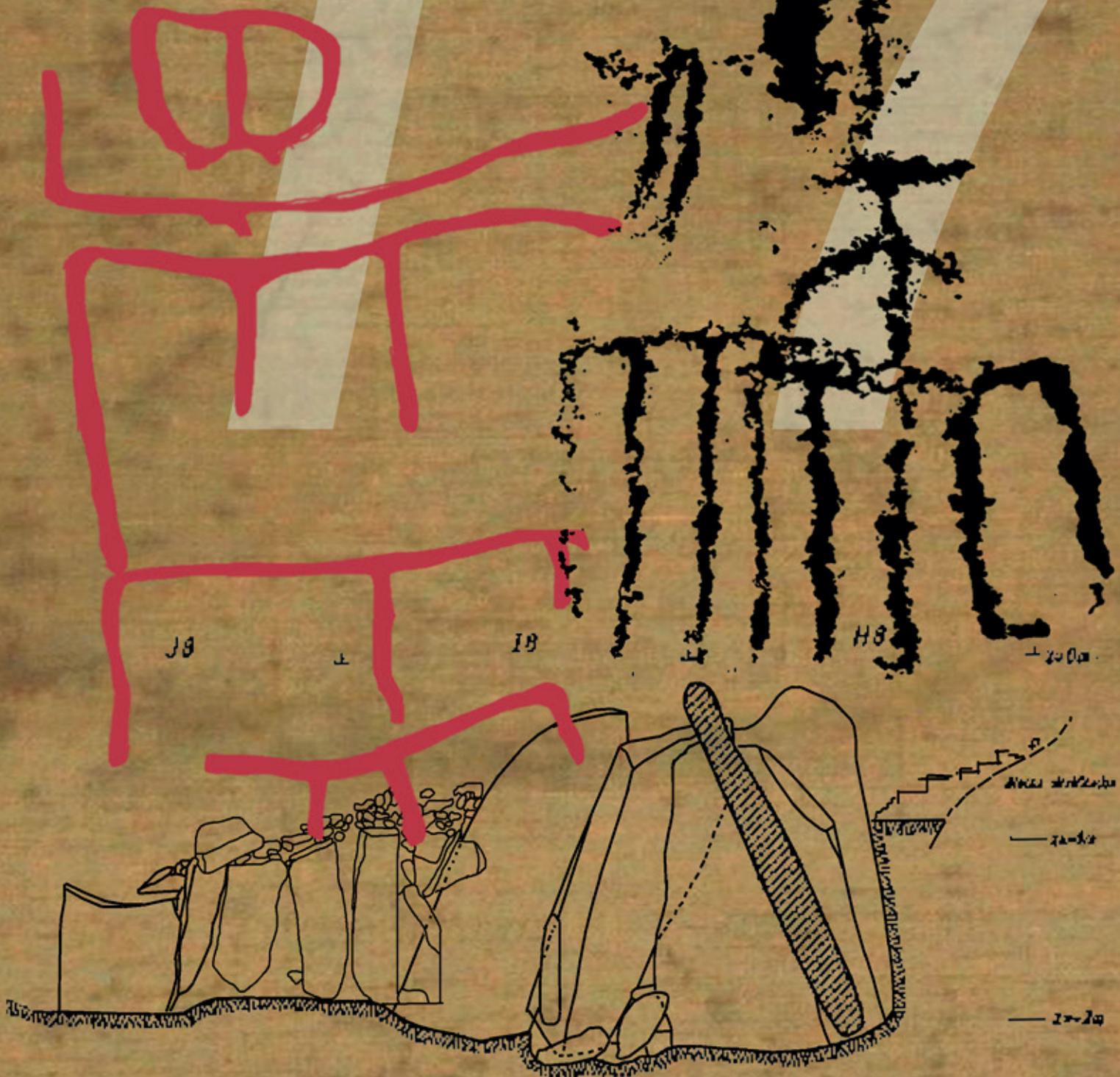


ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS



MESA-REDONDA

**A PRÉ-HISTÓRIA E A PROTO-HISTÓRIA NO CENTRO DE PORTUGAL:
AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS DE FUTURO**

Ficha técnica

Título: Actas da Mesa-Redonda. A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro (Mangualde, 26 e 27 de Novembro de 2011)

Coordenação: Domingos J. Cruz

Design da capa: A. Fernando Barbosa

Maquetagem e paginação: Tiago Gil

Propriedade: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. Apartado 50 — 3501-908 Viseu. cepba@sapo.pt

Distribuição (edições em papel): Portico Librerías, Muñoz Seca, 6 — 50006 Zaragoza (Espanha). portico@librerias.es

ISBN: 978-972-99352-8-2 | *Suporte:* electrónico | *Formato:* PDF

Ilustração da capa: Pinturas e gravuras da Orca do Picoto do Vasco (Vila Nova de Paiva, Viseu)

Estudos Pré-históricos é uma publicação não periódica vocacionada para a divulgação de estudos e outros textos sobre o património arqueológico e a Pré-história do Centro de Portugal, em particular da região da Beira Interior. É seu objectivo contribuir para o conhecimento da ocupação pré-histórica do território, como também a divulgação e protecção do património arqueológico.

Este volume dos Estudos Pré-históricos foi publicado, em formato digital, em Dezembro de 2017

<http://estudospre-historicos.weebly.com>

CENTRO DE ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS DA BEIRA ALTA

ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS

VOL. XVII

Actas da Mesa-Redonda

A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro

Prehistory and Protohistory in the Center of Portugal: evaluation and future perspectives

Mangualde, 26 e 27 de Novembro de 2011

Coordenação

Domingos J. Cruz

VISEU

2012

ÍNDICE

Apresentação do volume <i>About this publication</i> , por Domingos J. Cruz	9
Palaeoenvironment and vegetation dynamimics in serra da Nave (Alto Paiva, Beira Alta, Portugal) during the Late Pleistocene and Holocene <i>Paleoambiente e dinâmica da vegetação na serra da Nave (Alto Paiva, Beira Alta, Portugal) durante o Plistocénico final e período Holocénico</i> , por José Antonio López Sáez, Isabel Figueiral e Domingos J. Cruz	11
Gravuras e pinturas em dólmenes. O “Grupo de Viseu” de E. Shee (1981) trinta anos depois <i>Engravings and paintings in dolmens. The “Viseu group” of E. Shee (1981) thirty years later</i> , por André T. Santos, Domingos J. Cruz e A. Fernando Barbosa	25
Ao longo da paisagem: o Alto Douro no 3.º milénio AC. Espaços e mobilidades <i>Along the landscape: the Alto Douro in the 3rd millennium BC. Temporary spaces and mobilities</i> , por João Carlos Muralha Cardoso	59
O Castro de Vila Cova-à-Coelheira (Vila Nova de Paiva, Viseu): a ocupação proto-histórica <i>The Castro of Vila Cova-à-Coelheira (Vila Nova de Paiva, Viseu): proto-historic occupation</i> , por Sílvia Loureiro Mendes	91
Da morte e seus rituais em finais da Idade do Bronze no Centro de Portugal: 20 anos de investigação <i>Death and its rituals at the end of the Bronze Age from the centre of Portugal: 20 years of research</i> , por Raquel Vilaça	101
Duas fibulas da I Idade do Ferro de Vila do Touro (Sabugal, Guarda) <i>Two fibulae from the 1st Iron Age of Vila do Touro (Sabugal, Guarda)</i> , por Salete da Ponte, Raquel Vilaça e Marcos Osório.....	135
Análise de um conjunto de machados do Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco) — contributo para o seu conhecimento <i>Analysis of a series of axes from the Francisco Tavares Proença Júnior Museum (Castelo Branco) — contribution to his knowledge</i> , por C. Bottaini, R. Vilaça, M. Beltrame e A. Candeias, J. Mirão	147
Breve reflexão sobre os modelos preditivos em Arqueologia <i>Brief reflection on the predictive models in Archaeology</i> , por Marta Estanqueiro	161
Debates	
1ª sessão - Moderação: Thierry Aubry (IGESPAR/ Parque Arqueológico do Vale do Côa)	167
2ª sessão - Moderação: Maria de Jesus Sanches (FLUP. CEAUCP-FCT)	177
Resumos das conferências e comunicações apresentadas e não publicadas <i>Abstracts of unpublished communications</i>	189

DUAS FÍBULAS DA I IDADE DO FERRO DE VILA DO TOURO (SABUGAL, GUARDA)

TWO FIBULAE FROM THE 1ST IRON AGE OF VILA DO TOURO (SABUGAL, GUARDA)

Salette da Ponte*
Raquel Vilaça**
Marcos Osório***

Resumo

São apresentadas duas fíbulas de bronze provenientes dos trabalhos arqueológicos realizados entre 2014 e 2016 no interior do recinto fortificado medieval no Alto da Pena, em Vila do Touro (Sabugal), que regista níveis de ocupação mais antigos, recuados ao I milénio a. C. Apesar das peças se encontrarem fragmentadas e incompletas, as suas características morfológicas permitem atribuir-lhes uma cronologia em torno da I Idade do Ferro e integrá-las no conjunto de artefactos normalmente conotados com o “*mundo orientalizante*”, denunciando, a par de outros achados aqui recolhidos, interessantes e potenciais contactos mantidos entre esta área do vale superior do rio Côa e essas regiões meridionais da bacia do Guadalquivir.

Palavras-chave: Fíbulas, I Idade do Ferro, Vila do Touro.

Abstract

Two bronze fibulae are presented from the archaeological fieldworks carried out, between 2014 and 2016, inside the medieval fortified enclosure in Alto da Pena, in Vila do Touro (Sabugal), which reveals older levels of occupation, back to the 1st millennium BC.

Although the pieces are fragmented and incomplete, their morphological features allow them to be assigned a chronology around the 1st Iron Age and fit them into the set of artifacts usually associated with the “*orientalizing world*”, denouncing, along with other findings collected here, interesting and potential contacts maintained between this area of the upper valley of the river Côa and those southern regions of the basin of the Guadalquivir.

Keywords: Fibulae, 1st Iron Age, Vila do Touro.

* Professora-Jubilada do Instituto Politécnico de Tomar. mar.salette.p@gmail.com

** Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP. rvilaca@fl.uc.pt

*** Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP. Município do Sabugal. arkmarcos@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No seguimento do estudo das fíbulas provenientes dos trabalhos arqueológicos realizados, nos últimos anos, no concelho do Sabugal, publicado na revista *Sabucale*, por um dos autores (PONTE, 2014), agora, com a recente descoberta de outros dois artefactos da mesma natureza nas escavações arqueológicas na Vila do Touro (Sabugal, Guarda) (Fig. 1), julgou-se oportuno adicionar mais este contributo ao estudo inicial, ampliando assim o conhecimento relativo à ocupação proto-histórica das terras do vale superior do rio Côa.

Os resultados dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos nesta estação arqueológica e alguns dos materiais arqueológicos aí recolhidos têm vindo a ser apresentados em reuniões científicas¹, encontrando-se igualmente em preparação alguns textos a publicar oportunamente. A globalidade dos dados já reunidos e reportáveis à ocupação proto-histórica de Vila do Touro aponta para um assentamento humano com cronologia centrada em inícios do I milénio a. C., mais precisamente entre os séculos IX -VIII a. C. e o século VII a. C.

As fíbulas alvo deste estudo, embora incompletas e muito fragilizadas, constituem mais um indicador que valida esse âmbito cronológico de vivência no relevo.

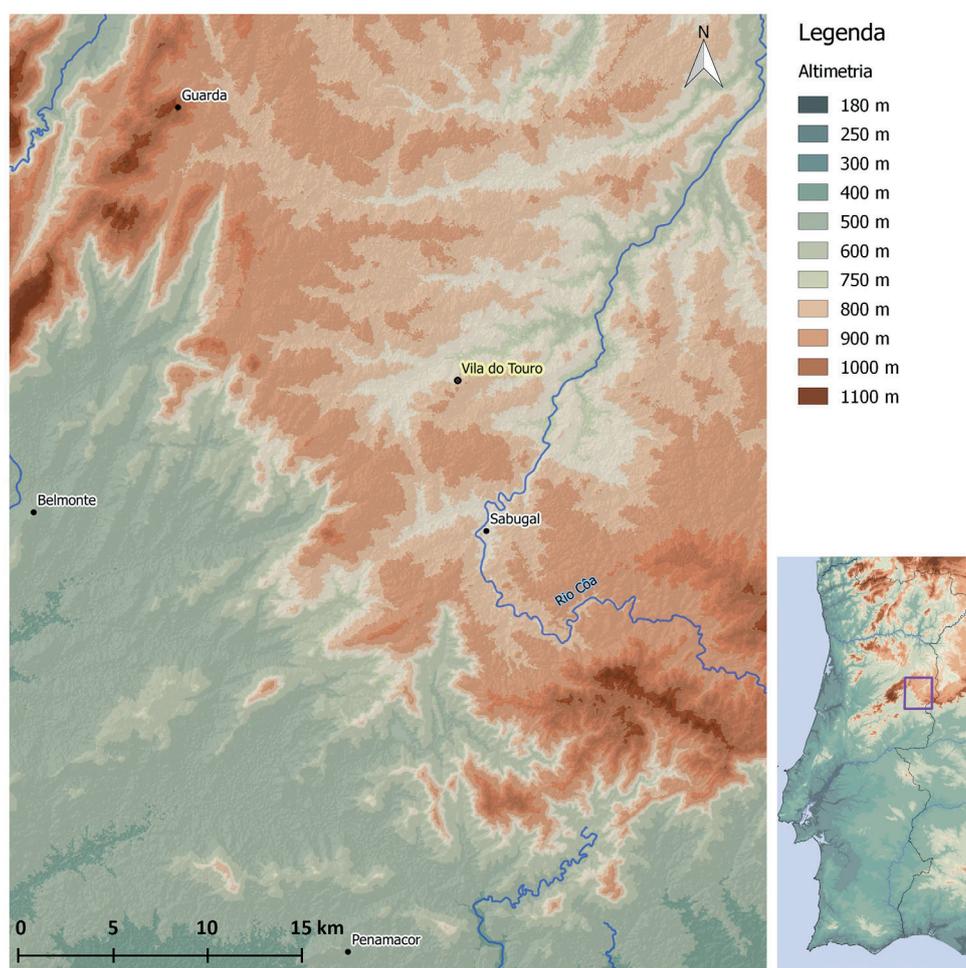


Fig. 1 – Enquadramento geomorfológico de Vila do Touro, Sabugal.

¹ TERESO, J., VILAÇA, R., OSÓRIO, M. - Armazenagem proto-histórica em Vila do Touro (Sabugal): evidências arqueobotânicas. Póster apresentado no *II Congresso Internacional de Arqueologia da região de Castelo Branco* (Castelo Branco, 2015).

VILAÇA, R., SOARES, I., OSÓRIO, M. - Cerâmica de tipo Carambolo na Beira Interior. Póster apresentado no *II Congresso Internacional de Arqueologia da região de Castelo Branco* (Castelo Branco, 2015).

BOTTAINI, C., VILAÇA, R., OSÓRIO, M. - Estudo arqueométrico das práticas metalúrgicas documentadas no povoado do Bronze Final/Ferro Inicial de Vila do Touro (Sabugal). Póster apresentado nas *VI Jornadas de Arqueologia no Vale do Douro. Do Paleolítico à Idade Média* (Porto, 2016).

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ACHADO ENTRE AS FÍBULAS DO ALTO CÔA E REGIÃO ENVOLVENTE

As fíbulas descobertas na região do vale superior do rio Côa e região envolvente, abrangendo especialmente a área do actual município do Sabugal, e que mapeámos na Fig. 2, revelam uma distribuição cadenciada de achados na longa diacronia, desde os inícios do I milénio a. C. até à época romana.

O mapeamento destas peças não é tarefa fácil, pela escassez e dispersão de publicações. Contudo, parece que a zona do Alto Côa reúne o maior número de fíbulas encontradas na vasta região entre a serra da Malcata e o rio Douro, devendo-se essa densidade, muito possivelmente, ao elevado número de trabalhos arqueológicos desenvolvidos até ao momento. Mas outras possibilidades poderão ser inferidas, nomeadamente a relevância daquela região pelas suas potencialidades mineiras, cuja exploração está atestada, como tem sido assinalado por diversos investigadores, desde finais da Idade do Bronze.

O quadro presente, em que é manifesto o predomínio de registos de distinta cronologia na margem direita do rio Côa, na superfície da Meseta, caso dos povoados proto-históricos de Alfaiates e de Vilar Maior, comprova, por outro lado, ocupações continuadas ao longo de todo o I milénio a. C., ultrapassando-o mesmo, e igualmente reveladoras de contactos com outras regiões.

Este último aspecto é manifesto para as fíbulas que motivaram este texto, como veremos, bem como para outras suas contemporâneas em termos globais, igualmente bem representadas na região do Alto Côa, como são as fíbulas do Cabeço das Fráguas (SANTOS e SCHATTNER, 2010: 102) e do Sabugal Velho (PONTE, 2014: 9), respectivamente de tipo *Bencarrón* e de tipo *Acebuchal*.

Já mais problemática é a fíbula de cotovelo, pouco perceptível, aparentemente figurada na estela dos Fóios (Sabugal) (CURADO, 1986: 105-106). Caso corresponda, de facto, à representação de uma fíbula, o que não se nos afigura seguro, cuja cronologia poderia recuar ao século IX a. C. (BARCELÔ, 1989: 116), teríamos aí o testemunho mais antigo de uma fíbula conhecida na região, em sintonia com outras fíbulas do Bronze Final da Beira Interior, como, por exemplo, a do Castro do Cabeço da Argemela (Fundão), de “tipo Ponte 1a” (Vilaça *et al.*, 2011: 436), modelo da sua congénere que se encontra gravada na estela do Telhado (Fundão)².

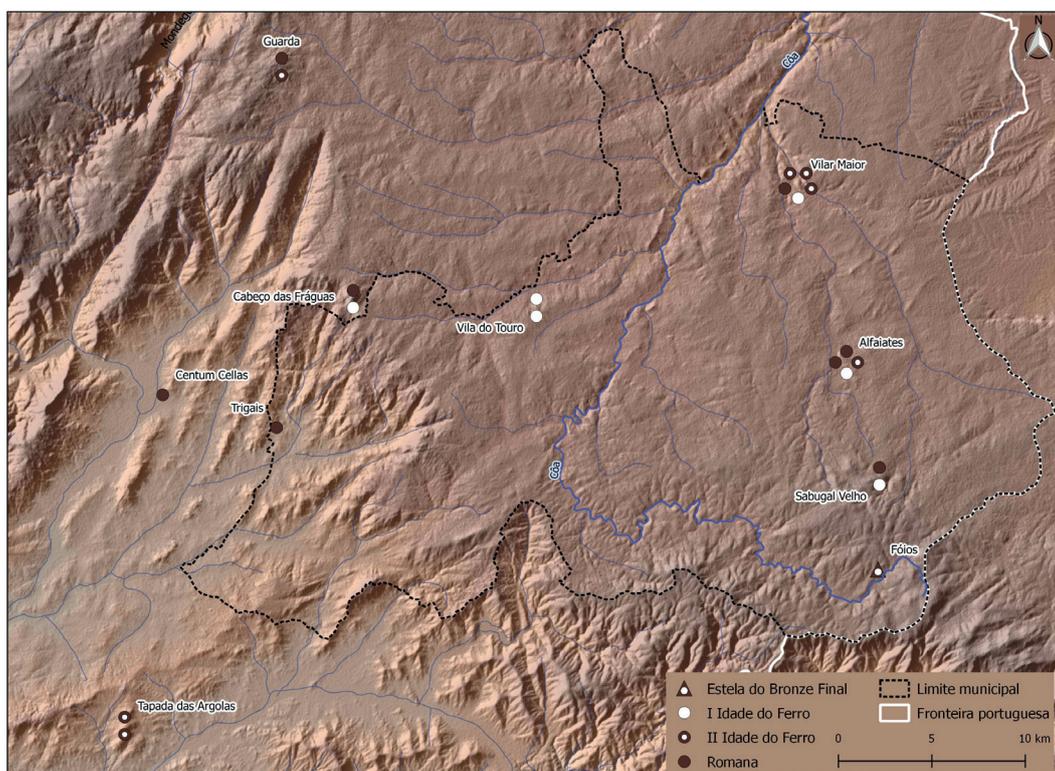


Fig. 2 – Distribuição das fíbulas na região do Alto Côa.

² VILAÇA, R., ROSA, J. M.; BIZARRO, J.; PIRES, H.; BAPTISTA, P. - New stele. New story. A Late Bronze Age reference in Cova da Beira (Telhado, Fundão, Portugal). Póster apresentado no *International Symposium Images in stone in Prehistory and Protohistory* (Braga, 2016).

Relativamente aos achados classificados como romanos, referem-se às fíbulas anelares cuja distribuição temporal vai do século I a. C. ao século II d. C. Estas peças mais tardias na região em análise são, naturalmente, em maior quantidade, revelando o sucesso deste tipo de artefacto, se bem que não absolutamente generalizado, face aos vazios existentes em diversos sítios arqueológicos já escavados na envolvente, onde não foram encontradas, ou não se encontram ainda publicadas.

3. LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O núcleo populacional de Vila do Touro, com o seu castelo altaneiro, é mais um exemplo de um assentamento medieval erguido sobre testemunhos de uma ocupação recuada à Proto-história. A fortificação onde foram realizadas as escavações arqueológicas está localizada na Carta Militar n.º 215 (Vila do Touro), pelas coordenadas 40° 25' 05.30" N e 7° 06' 23.93" O.

Os restos desta fortificação medieval do século XIII, que os documentos provam nunca ter sido concluída, conservam-se no "Alto da Pena", elevação proeminente na paisagem com os seus 833 m de altitude (Est. I-1). Do seu topo, obtém-se um controlo visual bastante eficaz da paisagem envolvente, constituindo um posto de observação ideal para o domínio do território.

As referências à descoberta de um machado de bronze nesta povoação (hoje em paradeiro desconhecido), às quais acrescia ainda o achado à superfície de alguns fragmentos cerâmicos manuais, há muito que anunciavam a possibilidade de uma ocupação proto-histórica (CORREIA, 1988: 284; VILAÇA, 1995: 86; OSÓRIO, 2005: 37). E, efectivamente, no âmbito de trabalhos arqueológicos desenvolvidos no decurso de um projecto de iluminação monumental do espaço amuralhado, promovidos pela Câmara Municipal do Sabugal, entre 2014-2016, obtiveram-se dados concretos que confirmam essa remota presença humana³.

A ocupação proto-histórica foi fortemente condicionada pela configuração oblonga do maciço, no sentido NW-SE, pautada por diversos desníveis topográficos, intercalados por penedias graníticas, que geraram distintas plataformas com boas condições de habitabilidade. Esse assentamento populacional mais recuado parece ter obedecido a um modelo baseado em pequenos núcleos separados, tendo sido, até ao momento, identificadas duas áreas com estruturas de ocupação preservadas.

Na plataforma mais elevada da cumeada foi definido o sector II. A intervenção centrou-se numa depressão natural de 10 m² entre afloramentos graníticos pouco salientes. Aí identificou-se uma estrutura pétreo subcircular, com c. 80x50 cm, construída na zona central e mais profunda desse espaço semi-natural, ladeada por três buracos de poste. O uso desta estrutura como espaço de armazenagem parece evidente, bem como a ocorrência de um incêndio, natural ou intencional, que deverá ter ditado o seu abandono. Nela e nas áreas adjacentes foram recolhidos diversos materiais cerâmicos, líticos, metálicos e arqueobotânicos, datáveis dos inícios da Idade do Ferro (século VIII a. C.), entre os quais se destacam cerâmicas com decoração de tipo Carambolo, elementos já apresentadas publicamente⁴ e em curso de publicação.

Um segundo espaço ocupacional, localizado numa ampla plataforma a meia-encosta, virada a sudeste e fechada a norte por imponentes maciços graníticos quase verticais, define o sector III, onde se abriram 65 m² de área de sondagens arqueológicas. Interessa-nos em particular, pois é deste sector que provêm as duas fíbulas em análise.

Aí foram identificadas outras estruturas habitacionais, nomeadamente um buraco de poste, alguns empedrados e alinhamentos pétreos, e um piso de terra batida, tendo-se recolhido igualmente inúmeros materiais arqueológicos, globalmente contemporâneos aos referidos antes, que se encontram em fase de estudo.

Foi nas quadrículas G4 (u.e. 5) e L4 (u.e. 2) deste sector que apareceram as fíbulas, a primeira

³ A importância dos resultados obtidos nessa intervenção deu origem ao projecto, em curso, "Vila do Touro (Sabugal): o sítio, da Proto-história aos tempos medievais", coordenado por dois dos autores e no qual participam, entre outros, estudantes do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

⁴ Ver nota 1.

encontrada no mês de Setembro de 2014, e a segunda em Julho de 2015. Infelizmente, os níveis estratigráficos onde foram recolhidas as peças correspondem a camadas revolvidas por trabalhos agrícolas⁵, não se podendo retirar grandes informações sobre as suas condições de deposição. Contudo, a peça n.º 1 provém da periferia de uma provável estrutura habitacional, definida por um piso de terra batida e alguns alinhamentos de empedrados, ainda em fase de escavação (Est. I-2). A peça n.º 2 surgiu numa área mais afastada e descontextualizada daquelas estruturas, com menor potencial estratigráfico, onde apenas se identificaram alguns empedrados incaracterísticos (Est. II - 1 e 2). Entre os materiais que se associavam às fíbulas contam-se cerâmicas de tipo Carambolo e outras *peinadas*, características do mundo de Cogotas II.

4. AS FÍBULAS

Estes dois objectos de adorno, em bronze, directamente associados ao vestuário, enquadram-se no vasto grupo genericamente designado de “*fíbulas tartéssicas*”, ou do “*período orientalizante*” (RUÍZ DELGADO, 1989: 119-133; PONTE, 2006: 128, 144-145), recorrentes durante os séculos VIII e VII a. C.

A estrutura tecno-morfológica destas duas fíbulas permite inseri-las, respectivamente, e apesar do seu estado incompleto e fragmentário, no grupo de fíbulas de tipo Alcores (PONTE 8a/I.2) e de tipo Bencarrón (PONTE 10b/2).

A fíbula n.º 1 (PONTE 8a/I.2) (Fig. 3-1 e 4-1) carecendo basicamente de eixo-mola-fusilhão, conserva⁶, todavia, parte do arco laminar, do pé e do descanso longo (PONTE, 2006: 129, quadro 26), possibilitando, *grosso modo*, uma projecção construtiva e morfológica bastante aproximada das características formais ou técnicas daquelas fíbulas proto-históricas.

O arco laminar de perfil romboidal e de secção subtriangular apresenta, na sua face externa, uma nervura longitudinal, com finas incisões horizontais e paralelas até ao vértice inferior ou ponto médio de ligação daquele elemento (arco) com o pé, longo e estreito, e respectiva dilatação lateral, em meia-cana, funcionando como descanso. Aquele motivo decorativo ao atravessar longitudinalmente o arco reveste-se, não só de um interessante motivo estilístico, recorrente neste período histórico, mas sobretudo de um detalhe técnico e primordial para uma maior consistência e flexibilidade funcional do artefacto metálico. Além disso, esta fíbula evidencia, genericamente, o mesmo padrão construtivo da fíbula de tipo *Alcores* (em regra de perfil rectangular e uniforme em cada um dos segmentos morfológicos e mecânicos), largamente conhecido na Península Ibérica (PONTE, 2006: 136, fig. 27)⁷, quaisquer que sejam os recortes decorativos do arco simples ou nervurado, com ou sem decoração geométrica.

O exemplar de Vila do Touro, feito pela técnica de trabalho do bronze, em forja⁸, sugere, pela singeleza decorativa e pela simplicidade de processos construtivos, uma produção mais local, do que regional ou inter-regional.

É certo que a fíbula de tipo *Alcores* parece emergir no sudoeste peninsular, mais propriamente no Baixo Guadalquivir, entre os finais do século IX a. C. - inícios do VIII a. C., tendo, porém, uma larga difusão na Andaluzia, Levante, Meseta, e em vários sítios, do actual território português, entre os rios Mondego e Guadiana (PONTE, 2006: 133-134, fig. 27) durante os meados e finais desta última centúria. Mas a cronologia deste tipo parece igualmente poder prolongar-se para datas mais baixas, dentro do século VII a. C., ou até no seguinte, conforme têm defendido alguns investigadores, que tendem a baixar a cronologia (v.g. TORRES ORTIZ, 2002: 199).

⁵ Diversas plataformas do relevo foram cultivadas até época recente.

⁶ Dimensões do fragmento de fíbula: comprimento total de 66 mm.

⁷ A cartografia de distribuição da fíbula de tipo *Alcores*, ainda que desactualizada, retrata quais os principais indicadores culturais de incidência e dispersão espacial deste peculiar objecto de adorno (MARIANO TORRES, 2002: 199; PONTE, 2006: 136).

⁸ Este processo metalúrgico obedecia a duas fases paralelas e independentes: uma, constava de eixo/mola/fusilhão, e outra, de arco/pé e descanso. Esta cadeia operativa implicava a fusão ou vazamento da liga metálica em molde (univalve/bivalve).

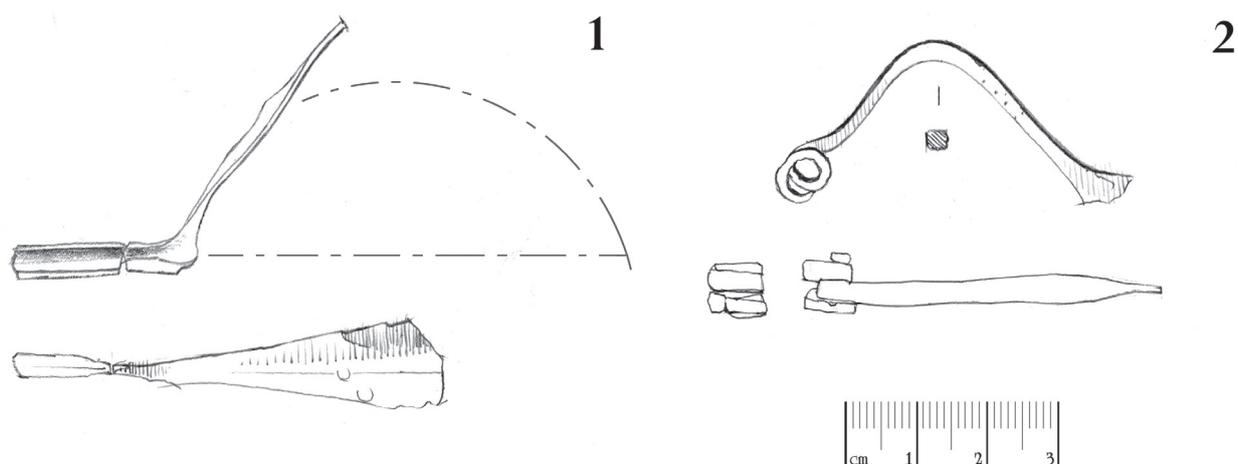


Fig. 3 – As fíbulas de Vila do Touro, de tipo *Alcores* (n.º 1) e de tipo *Bencarrón* (n.º 2) (des. de José Luís Madeira).



Fig. 4 – As fíbulas de Vila do Touro de tipo *Alcores* (n.º 1) e de tipo *Bencarrón* (n.º 2) (fot. de Paulo Pernadas).

É sabido que os limites cronológicos (*ante quem* e *post quem*) propostos para a fíbula de tipo *Alcores* baseiam-se genericamente na “arqueologia comparativa e descontextualizada”, carecendo de ser testada por modelos similares provenientes de níveis crono-estratigráficos de datação absolutamente segura, pelo que achados como o de Vila do Touro, pese embora as limitações de índole estratigráfica já antes enunciadas, devam ser valorizados.

A fíbula n.º 2 (PONTE 10b/2) (Fig. 3-2 e 4-2) enquadra-se igualmente no vasto e diversificado grupo genericamente designado de “fíbulas tartéssicas”, ou mais vulgarmente conhecido por fíbulas de tipo *Bencarrón* (PONTE 10b/2), tão recorrentes no Baixo Guadalquivir, entre os meados ou finais do século VIII a. C. e os meados do século VII a. C. Comparativamente ao modelo das fíbulas de tipo *Alcores*, alcançou vastas áreas com geografia atlântico-continental da Hispânia proto-histórica (PONTE, 2006: 144-152, fig. 31).

A fíbula de Vila do Touro, proveniente de um contexto estratigráfico conhecido e coerente, permite prolongar a sua cronologia pelo século VII a. C., aspecto que deverá, todavia, ficar em aberto.

Esta fíbula apresenta, tal como a de Alegrios (Idanha-a-Nova, Castelo Branco) (VILAÇA, 1995: 341 e 480, fig. 8, n.º 6; PONTE, 2006: 430, n.º 41), os mesmos caracteres morfológicos e mecânicos das fíbulas de

tipo *Bencarrón* (PONTE 10). Caracteriza-se por um arco estreito e fitiforme, alteado, a meio, em cotovelo, desenvolvendo-se numa mola bilateral fruste e assimétrica (2 + 3 voltas), conservando ainda vestígios de corda interior ao arco, assim como de indícios ténues de fusilhão recto, situado à direita daquele.

Em bronze, produzida igualmente pela técnica de forja, esta fíbula apresenta, em relação ao seu protótipo directo (tipo *Alcores*), uma nova matriz construtiva de sistema de fixação ao vestuário, ou seja, de uma estrutura unitária de mola unilateral peculiar (*Alcores*) passa para uma mola bilateral rudimentar e assimétrica, de corda interior ao arco (*Bencarrón*); mais, a presença deste detalhe técnico e mecânico, motiva a criação de novas conformações (sub-tipos), tanto no plano estilístico do arco⁹, como nos vários componentes da mola “bilateral” assimétrica¹⁰ (PONTE, 2006: 144-146, fig. 30).

Observando o mecanismo de enrolamento da mola assimétrica desta fíbula e do que se conserva da mola/corda/fusilhão, poder-se-á aventar que o exemplar retrata a atmosfera experimental dos vários núcleos oficinais em que o bronzista, durante o seu trabalho de forja, procurava melhorar sempre a funcionalidade e solidez do objecto de adorno, em mãos, quando inseria um ou outro detalhe técnico, capaz de lhe conferir maior solidez e durabilidade, sem perder o desempenho funcional para o qual foi gizado.

Entendemos ainda que a fíbula de Vila do Touro, mais os modelos praticamente completos, de Alegrios e do Castro do Coto da Pena, Caminha (SILVA, 1986: 215, est. CI, n.º 1; PONTE, 2006: 151 e 429, n.º 38)¹¹, parecem provir da mesma ambiência tecno-cultural recorrente nos inícios da I Idade do Ferro, ou seja, entre os finais do século VIII a. C e inícios do século VII a. C.

Convém sublinhar que o modelo clássico e afins da fíbula de tipo *Bencarrón* (PONTE 10), para além da larga difusão na zona do Baixo Guadalquivir, alcançou a Estremadura e algumas áreas das Beiras (Alta e Baixa) do território português (PONTE, 2006: 151, fig. 31). Por outro lado, os modelos mais evoluídos da fíbula *Bencarrón* (PONTE 10b/1-2) foram determinantes na criação perfeita da fíbula de tipo *Acebuchal* (PONTE, 2006: 136-137), tanto no plano estrutural como estilístico.

Estes dois tipos, a que se deve juntar o tipo *Alcores*, constituem, a par das derivações e recriações técnicas e mecânicas que eles próprios incorporam e originam, traduzindo influências, a imagem do dinamismo da capacidade criativa das comunidades indígenas da I Idade do Ferro, cuja matriz deve ser procurada na região do Baixo Guadalquivir dos séculos VIII-VII a. C. Ao nível das produções de fíbulas, é também esse um período de grandes transformações técnicas na evolução interna (sub-tipos) do padrão de fíbula de tipo *Alcores*, mas também na criação de formas distintas, como as fíbulas de tipo *Bencarrón* (PONTE 10) e de tipo *Acebuchal* (PONTE 9), ambas provenientes da “evolução externa” do mesmo segmento estrutural (PONTE 2006: 135).

5. COMENTÁRIOS FINAIS

Os trabalhos arqueológicos iniciados em 2014 no “Alto da Pena”, em Vila do Touro, não só confirmaram as suspeitas de uma ocupação proto-histórica, como revelaram — estão a revelar — alguns dados muito interessantes de uma ocupação do Ferro inicial nesta região da Beira Interior.

Este é, talvez, o primeiro aspecto a sublinhar neste breve estudo. Com efeito, conhecendo-se já com alguma segurança as linhas gerais que pautaram o povoamento daquela região em finais da Idade do Bronze, fruto do trabalho continuado (e em continuação) de muitos anos, conforme evidencia síntese recente (VILAÇA, 2014), a sua transição para a fase seguinte e, em concreto, a I Idade do Ferro, aliás como o resto do I milénio a. C., são muito mais mal conhecidos. Por isso, os dados existentes, em boa parte ainda inéditos, inseríveis na chamada I Idade do Ferro, merecem a nossa especial atenção.

⁹ Os subtipos da fíbula de tipo *Bencarrón* (PONTE 10) assumem diversos recortes formais: arco laminar ou bifurcado; filiforme, fitiforme ou cintiforme.

¹⁰ A variante PONTE 10b/1-2, da fíbula de tipo *Bencarrón* (PONTE 10/a-b) apresenta “dois processos de enrolamento da mola “bilateral”, de corda interior ao arco, situando-se o fusilhão a meio (PONTE 10b/1), ou no extremo direito do eixo (PONTE 10b/2)”.

¹¹ Esta fíbula enquadra-se na sub-variante do tipo *Bencarrón* (PONTE 10b/2).

As linhas dedicadas a estas duas fíbulas procuram ser um contributo para fazer esse caminho. Ambos os artefactos, ao mesmo tempo objectos funcionais e de adorno, com similitudes e diferenças estruturais e técnicas aqui descritas, sugerem fabricos indígenas, influenciados por determinados protótipos cuja matriz remete para a região do Baixo Guadalquivir.

Este é o segundo ponto que queremos sublinhar. A profusão de sub-tipos associados a esses protótipos e pautados frequentemente pelo hibridismo denunciam não só a rápida difusão e franca aceitação dos modelos, mas, essencialmente, a conceptualização de um objecto que não só se imita como também se transforma, transformação inerente ao poder criativo das comunidades indígenas. A par das fíbulas de Vila do Touro, os exemplares de tipo *Bencarrón*, do Cabeço das Fráguas (SANTOS e SCHATTNER, 2010: 102) e de tipo *Acebuchal*, presente no Sabugal Velho (PONTE, 2014: 9), devem analisar-se, do nosso ponto de vista e pelos respectivos contextos, a partir dessa perspectiva local.

Esta perspectiva não desvaloriza, pelo contrário, valoriza os contactos que deverão ter sido desenvolvidos entre a Beira Interior e o sul peninsular em inícios da Idade do Ferro, contactos que, ao mesmo tempo, também tomavam outras direcções, concretamente a das terras mesetenhas, ali tão perto.

Como terceiro aspecto frisamos, justamente, que os mesmos tipos de artefactos, ou da sua ideia, podem circular em distintos contextos e regiões, mas em combinatórias várias. No caso de Vila do Touro e denunciando uma matriz cultural próxima à das duas fíbulas aqui analisadas, importa referir, pelo menos, as cerâmicas de “tipo Carambolo” (sectores II e III), ou mesmo um agrafio de cinturão (sector II) possivelmente de “tipo tartéssico”, em curso de estudo.

Essa matriz cultural dificilmente se dissocia de um ambiente meridional, normalmente designado de “tartéssico”. As aspas que também associamos à expressão são mais do que prudência. Face aos múltiplos entendimentos e considerações que o conceito tem merecido ao longo do tempo, e em especial nos últimos anos, entre os investigadores, em ambas as vertentes, literária e arqueológica, originando interessantes debates em diversos fóruns científicos (v.g. CAMPOS e ALVAR, 2013), exige o seu uso com especial cautela de modo a evitar equívocos. Aqui toma-se como referência da expressão não uma entidade étnica vinculada a um território definido, mas como expressão cultural diversa e múltipla, combinando elementos exógenos e indígenas, que circularam em distintos contextos geo-culturais. O caso das fíbulas “tartéssicas” de Vila do Touro, lugar onde outras realidades materiais são profundamente indígenas e outras particularmente vinculadas ao mundo estilístico da I Idade do Ferro da Meseta ocidental, é exemplar a este propósito.

Finalmente, e em quarto lugar, queremos deixar uma hipótese de futuro, a explorar. Artefactos como estes, de natureza similar e com cronologias idênticas, i.e., com um leque possível entre o século VIII e o século VI a. C., em distintos pontos da Beira Interior, parecem revelar determinadas continuidades até agora pouco valorizadas. Continuidades consubstanciando, na linha da fase anterior, do Bronze Final, redes de contactos da região relativamente a outras, nomeadamente com o sul. Mas com que escala, com que natureza?

À escala supra-regional os actores eram agora outros, como outros eram os interesses, as conjunturas geo-estratégicas, a relação de forças. O processo cultural dos inícios da Idade do Ferro na Beira Interior, enquadrado por novas realidades, não poderá ter deixado de descolar do de finais da Idade do Bronze. Mas a que ritmo o fez, que caminho encontrou e até que ponto se distanciou daquele? As velhas rotas terrestres, como as que levavam ao sul, não terão deixado de ser percorridas, nem então nem depois, mas o litoral atlântico ganhava, como nunca até então, protagonismo, que também não mais deixou de se afirmar.

Março de 2017.

Agradecimentos

A José Luís Madeira, autor do desenho das fíbulas, e a Paulo Pernadas, autor da fotografia das mesmas.

6. BIBLIOGRAFIA

BARCELÓ, Juan (1989) - *Arqueología, Lógica y Estadística: un análisis de las estelas de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*. Tese doctoral. Universidad Autónoma de Barcelona.

CAMPOS CARRASCO, Juan; ALVAR, Jaime (eds.) (2013) - *Tarteso. El Emporio del Metal*, ed. Almuzara.

CORREIA, Joaquim Manuel (1992) - *Terras de Riba-Côa. Memórias sobre o Concelho do Sabugal*. 3ª ed., Sabugal, Câmara Municipal.

CURADO, Fernando Patrício (1986) - Mais uma estela do Bronze final da Beira Alta (Fóios, Sabugal, Guarda), *Arqueologia*, 14, Porto, p. 103-109.

OSÓRIO, Marcos (2005) - Contributos para o estudo do I milénio a. C. no Alto Côa. In *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia*. [Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior]. Guarda. Centro de Estudos Ibéricos, p. 35-65.

PERESTRELO, Manuel Sabino (2003) - *A romanização na bacia do rio Côa*, Ed. Parque Arqueológico do Vale do Côa.

PONTE, Salette (2006) - *Corpus Signorum das Fibulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Ed. Caleidoscópio. Edição e Artes Gráficas. S.A. Casal de Cambra (Portugal).

PONTE, Salette (2014) - Um núcleo diverso de fíbulas do concelho do Sabugal (Região do Alto Côa), *Sabucale*, Sabugal, 6, p. 7-21.

RUIZ DELGADO, Manuel M.^a (1989) - *Fibulas Protohistóricas en el Sur de la Península Ibérica* (Servicio de Publicaciones de la Universidad de Sevilla). Serie Filosofía y Letras, num. 112 (1989). Sevilha.

SANTOS, Maria João; SCHATTNER, Thomas (2010) - O Santuário de Cabeço das Fráguas através da arqueologia. In SCHATTNER, Th.; SANTOS, M. J. (eds.) - *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, [Iberografias 6], Guarda, Centro de Estudos Ibéricos, p. 89-108.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos (2010) - Um mundo entre mundos – O grupo Baiões/Santa Luzia, sociedade, metalurgia e relações inter-regionais. In SCHATTNER, Th.; SANTOS, M. J. (eds.) - *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, [Iberografias 6], Guarda, Centro de Estudos Ibéricos, p. 13-26.

SILVA, Armando Coelho F. (1986) - *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira.

TORRES ORTIZ, Mariano (2002) - *Tartessos*. Madrid. Real Academia de la Historia.

VILAÇA, Raquel (1995) - *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia 9, Lisboa.

VILAÇA, Raquel (2014) - O povoamento da Beira Interior durante o Bronze Final: evidências, interação e simbolismos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, [2013], p. 191-220.

VILAÇA, Raquel; ALMEIDA, Sara; BOTTAINI, Carlo; MARQUES, João Nuno; MONTERO-RUIZ, Ignacio (2011) - Metalurgia do Castro do Cabeço da Argemela (Fundão): formas, conteúdos, produções e contextos. In MARTINS, C.; BETTENCOURT, A.; MARTINS, J.; CARVALHO, J. (coord.) - *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*, Braga, CITCEM, p. 427-451.

EST. I



1. O “Alto da Pena” em Vila do Touro, Sabugal (vista aprox. de Poente).



2. Aspecto geral das sondagens do sector III, zona de achado das fíbulas.



1. Pormenor da sondagem de achado da fíbula de tipo *Bencarrón*.



2. Momento de achado da fíbula de tipo *Bencarrón* (L4 u.e. 2).